

Emcompanhia

INFORMATIVO DOS JESUÍTAS DO BRASIL

EDIÇÃO ESPECIAL | ANO 5 | DEZEMBRO 2018



JESUÍTAS BRASIL

NATAL

Renovação da vida





3 NATAL: ENCONTRO DO DIVINO COM O HUMANO

- Pe. João Renato Eidt, SJ



10 NATAL: O PARTO DO INFINITO QUE SE FAZ FINITO EM NOSSA HUMANIDADE

- Dr. Marco Aurélio Knippel Galletta



4 TEMPO DE MUDANÇA: DA ASTRONÁUTICA AO ADVENTO

- Pe. Luís González-Quevedo, SJ



12 DE BELÉM A NAIM

- Pe. Franklin Alves Pereira, SJ



6 SAGRADA FAMÍLIA: INSPIRAÇÃO E TRANSBORDAMENTO DE AMOR

- Lia Andriani



14 O AMOR DE CRISTO NA SABEDORIA DAS GERAÇÕES

- Bráulio Rocha Gonçalves e Simone Mavignier Madeira



8 PRESÉPIO

- Simbologia do Presépio

COLEÇÃO DE PRESÉPIOS

Nesta edição especial, o informativo *Em Companhia* traz imagens de alguns presépios que compõem a coleção particular do padre José Maria Fernandes. O jesuíta tem 160 conjuntos de várias partes do mundo. As peças, produzidas por artistas e artesãos de 40 países, incluindo o Brasil, já foram expostas no Rio de Janeiro (RJ).

EXPEDIENTE

EM COMPANHIA é uma publicação mensal dos Jesuítas do Brasil, produzida pelo Escritório de Comunicação BRA.

COMUNICAÇÃO BRA

noticias@jesuitasbrasil.com
www.jesuitasbrasil.com

DIRETOR EDITORIAL

Pe. Anselmo Dias, SJ

EDITORA E JORNALISTA RESPONSÁVEL

Silvia Lenzi (MTB: 16.021)

EDIÇÃO

Juliana Dias
Silvia Lenzi

DIAGRAMAÇÃO E EDIÇÃO DE IMAGENS

Handerson Silva

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Érica Silva
Ir. Lucemberg de Oliveira Lima, SJ
Luíza Costa
Maria Eugênia Leonardo da Silva (estagiária)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos que colaboraram com os artigos desta edição especial do informativo *Em Companhia*, em especial ao padre José Maria Fernandes e à equipe do Centro Loyola da PUC-Rio.

NATAL: ENCONTRO DO DIVINO COM O HUMANO



Pe. João Renato Eidt, SJ
Provincial dos Jesuítas do Brasil

“**CELEBREMOS,
POIS, NESTE ANO,
A ESPERANÇA
QUE JESUS, O MENINO
QUE VIRÁ, NOS TRAZ [...]**”

O tempo do Advento nos faz aguardar, com carinho e coração aberto, a chegada de Nosso Senhor, que está presente em cada um dos nossos irmãos e irmãs. Celebrar a esperança de sua vinda nos enche de energia e disposição para caminhar nas estradas do Reino, acolhendo-nos e amando-nos mutuamente.

O Natal é o momento no qual tudo se renova. Nosso Deus, que nos criou à sua imagem, assume a nossa imagem e vem participar de nossa vida, renovando-a e tornando-a mais divinamente humana. Com a fé e a esperança nele, podemos, com Ele, renovar toda a vida.

O mundo vive um tempo de grandes migrações. Milhares de pessoas têm suas vidas modificadas e destruídas pelas guerras, injustiças, crises econômicas e políticas. Estamos acompanhando, no Brasil, o grande êxodo dos venezuelanos, migrantes e refugiados de outros países que partem da terra natal em busca de sobrevivência. Também a família de Nazaré experimentou o exílio forçado por causa da perseguição e morte (Mt 2, 13-14). Somos desafiados a acolher esses nossos irmãos e irmãs, famílias inteiras, que precisam de apoio e condições para viver com dignidade. Os relatos dos jesuítas e colaboradores que, bravamente, estão em missão na cidade de Boa Vista (RR) são apelo para nossa solidariedade e compromisso com e pela vida, que nos é dada como dom.

Ao longo de todo este ano, o Papa Francisco, em quase todos os seus pronunciamentos e escritos, nos admoesta a assumir também a defesa pelo meio ambiente, pela justiça, pela misericórdia, enfim, pela vida abundante e plena. Nossa casa comum, a distribuição justa dos bens, o amor que se pratica por meio do perdão e do acolhimento são as chaves para que possamos viver um Natal sem neve, sem Papai Noel, sem trenó e renas e sem aderir ao forte apelo consumista, ou seja, viver o Natal verdadeiro.

Deus, nosso Pai, quando nos enviou o seu Filho para nos redimir, tinha em seu coração o desejo de acolher cada um dos seus filhos e filhas junto dele. Ensinou-nos, por meio do exemplo de Jesus, como fazer para termos nossa vida renovada. Maria, a Senhora da escuta, ao dizer “sim” à mensagem do Anjo, aceitou fazer parte desse projeto.

Estamos diante do grande desafio para nossa atualidade: tornar o mundo melhor, renovar a vida por meio da nossa fé transformada em obras. Temos de anunciar ao mundo que a solidariedade supera toda a violência e que o amor supera todo ódio e divisões por meio do perdão e do acolhimento.

Celebremos, pois, neste ano, a esperança que Jesus, o Menino que virá, nos traz: esperança de um mundo melhor, esperança de paz, esperança de justiça, esperança para os pobres que lutam para viver. Celebramos a esperança da vida que se renova em nós porque cremos e sonhamos. A esperança nos faz agir, trabalhar, para que o mundo novo seja concretizado no Reino divino aqui entre nós.

Desejo-lhes Feliz Natal e um novo ano pleno de esperança e paz!



TEMPO DE MUDANÇA: DA ASTRONÁUTICA AO ADVENTO

PE. LUÍS GONZÁLEZ-QUEVEDO, SJ

Orientador de Exercícios Espirituais

O Advento é um tempo paradoxal. Começa falando do fim do mundo e termina anunciando o nascimento de uma Criança que nos traz vida nova. Mas, antes de entrar no tema, permitam-me lembrar do começo de uma nova era: a era espacial.

No dia 20 de julho de 1969, um bilhão de pessoas acompanharam, extasiadas, a chegada de dois astronautas à Lua. Parecia um filme de ficção científica. Alguns chegaram a duvidar da veracidade do que viam. Não seria propaganda dos americanos? A gente não podia acreditar em tudo o que era transmitido pela TV.

O contexto histórico era a “corrida espacial” entre as duas grandes potências da época. Em 1957, a União Soviética tinha colocado em órbita da Terra o primeiro satélite artificial, o Sputnik. Quatro anos depois, Yuri Gagarin tornou-se o primeiro astronauta da história.

Os norte-americanos reagiram, investindo bilhões de dólares na criação da Agência Espacial Americana, a Nasa. Em 1962, colocaram em órbita terrestre o astronauta John Glenn e começaram a desenvolver a Missão Apollo, cujo objetivo era levar à Lua (e trazê-los de volta com segurança) dois astronautas, que deixariam lá a bandeira dos Estados Unidos.

O primeiro homem a botar o pé na Lua foi Neil Armstrong, que falou uma das frases mais célebres de nosso tempo: “Este é um pequeno passo para o homem, um gigantesco salto para a humanidade”.

Armstrong era um homem discreto, que não se orgulhava de ter sido o primeiro homem a pisar na Lua; preferia destacar o trabalho da equipe de cientistas, engenheiros e astronautas que possibilitaram tamanha façanha. Contemplando a Terra desde o espaço, ele disse: “Eu não me senti um gigante. Me senti muito, muito pequeno”.

O programa espacial da Nasa trouxe importante contribuição ao progresso

científico da humanidade, porém seu custo foi enorme. Só a viagem da Apollo 11 custou cerca de 25 bilhões de dólares. Não teria sido melhor investir em um programa de renda mínima universal, para cada cidadão desta Terra?

Os astronautas ganharam categoria de celebridades, ao lado dos cantores e esportistas da época. Naquele tempo, eu morava em Goiânia (GO). Os artistas da cidade vieram me pedir que eu rezasse uma missa, na catedral, em homenagem ao John Lennon, líder dos Beatles, que tinha sido assassinado. Eu aproveitei a ocasião para pregar a um público não habitual nas missas. Todas as glórias humanas são fugazes.

“**PREPAREMOS
O NOSSO
CORAÇÃO PARA
CELEBRAR O MAIOR
ACONTECIMENTO
DA HISTÓRIA DA
HUMANIDADE: O
NASCIMENTO DE NOSSO
SENHOR JESUS CRISTO**”

Lembro que era o tempo litúrgico do Advento. E, assim, chegamos ao tema que o informativo *Em Companhia* me pede. Antes, porém, deixem-me dizer-lhes que, enquanto escrevo este artigo, o mundo celebra outro grande acontecimento da ciência astrofísica: a sonda InSight, que investigará a estrutura interna de Marte, acaba de pousar, com pleno sucesso, no planeta vermelho. Esse fato trouxe-me a lembrança de minha juventude, deslumbrada diante da imensidão do Universo e dos primeiros passos da Astronáutica.

O Papa Francisco acaba de dedicar uma homilia ao tema do fim: “Na últi-

ma semana do Ano Litúrgico, a Igreja nos faz refletir sobre o fim do mundo, sobre o fim da nossa própria vida”. Todos nós teremos um fim. Gagarin morreu, Neil Armstrong morreu, John Lennon morreu, todos nós morreremos.

Nos Exercícios Espirituais que prego, ao longo do ano, costumo contar o fim do filósofo Pascal. No leito de morte, Pascal disse: “Se Deus me conceder ainda algum tempo, prometo dedicar o resto de minha vida ao cuidado dos pobres”. Pascal morreu, mas nós estamos vivos. Que estamos fazendo? Que poderíamos fazer por Cristo, pelos outros, pelos mais necessitados?

“O pensamento do fim não é um pensamento estático – disse o Papa, na sua homilia, é um pensamento que nos ajuda a caminhar, a ir adiante, porque é levado pela virtude da esperança”.

A liturgia do Advento, tempo de preparação para o Natal, não é pessimista. As duas primeiras semanas prolongam a reflexão sobre o final dos tempos, com as palavras fortes do profeta Isaías e o testemunho de João, o Batista. Nas duas últimas semanas, entra em cena a figura incomparável de Maria de Nazaré, a sempre Virgem, a Mãe compadecida de todos nós, seus filhos, pecadores.

“O fim será um encontro com o Senhor” – garante Francisco –, um encontro de misericórdia, de alegria, de felicidade”. Sugerindo um verdadeiro “exame de consciência”, Francisco se pergunta: “Quais são as coisas que devo corrigir na minha vida? E quais deverei levar adiante?”

“Peçamos ao Espírito Santo a sabedoria do tempo, a sabedoria do fim, a sabedoria da ressurreição, a sabedoria do encontro eterno com Jesus”.

Preparemos o nosso coração para celebrar o maior acontecimento da História da Humanidade: o Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.■

SAGRADA FAMÍLIA: INSPIRAÇÃO E TRANSBORDAMENTO DE AMOR

LIA ANDRIANI

Professora Eliane Nunes Calfa Andriani (Lia Andriani) é leiga, casada, graduada em Arte-Educação, Teologia, Pedagogia, especializada em Espiritualidade e Orientação Espiritual, além de orientadora dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio há mais de 20 anos.

*Na casa de Nazaré, um sim ecoou sereno
Na casa de Nazaré, Deus mesmo se fez pequeno
(Na Casa de Nazaré – Thomas Filho e Frei Fabretti)*

O presépio carrega um mistério que nos desconcerta, nos desinstala e nos provoca uma mudança de ótica diante do ordinário da vida. Jesus numa manjedoura e a seu lado Maria e José. É Deus que se faz pequeno, se insere na condição humana através de uma família simples, cujo propósito é viver plenamente o amor que vem de Deus. É em Nazaré que toda a vida humana é santificada e ganha novo sentido e esperança.

A Sagrada Família é, assim, um santuário de vida. É ali que a vida humana surge como que de uma nascente sagrada e é cultivada e formada para comunicar ao mundo o amor e a vida.

Jesus vem ao mundo desprovido de tudo. Nasce longe dos seus, não tem lugar para ficar, mas é acolhido com todo o amor de Maria e de José, que lhe dá a segurança de que tudo ficaria bem. É nos braços de Maria que Jesus começa a ter o seu coração preenchido com o amor que, posteriormente, irá se transformar no seu modo de proceder. A presença de José lhe dá a tranquilidade da proteção e ele pôde dormir tranquilo, naquele ambiente hostil.

Maria e José, em seu amor, ainda tiveram espaço para receber os pastores cansados da vida e da lida, que vieram atrás, seguindo a estrela, do Deus-menino, o Deus-conosco, que iria trazer a paz, a esperança e a certeza de que a vida poderia ser diferente, ser plena no amor de quem nos amou primeiro. E juntos entoaram um bendito, um cântico novo, um louvor, dando “Glória a Deus nas alturas, Paz

na terra e boa vontade para com os homens” (Lc 2,14).

E, mais tarde, esse amor experimentado é levado ao mundo pelas mãos de uns magos que vieram do Oriente e “entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro, incenso e mirra” (Mt 2,11).

“ QUE A
SAGRADA
FAMÍLIA NOS
INSPIRE NESTE NATAL,
DE FORMA DIFERENTE,
ABRINDO NOSSOS
CORAÇÕES AO AMOR
DE DEUS [...]”

Não há nada na cena que possa ofuscar o brilho do amor porque o contexto, carente de pão, de justiça e de chão, é preenchido, simplesmente, pelo amor que vem do alto, através do silêncio, da entrega e da confiança plena.

Que podemos aprender com essa cena, tantas vezes repetidas, nos diversos “Natais” vividos ao longo de nossas vidas? Que novidade ela pode apresentar para as famílias de nosso contexto atual? Como a Sagrada Família pode nos inspirar nosso modo de ser e viver no mundo?

Voltemos, então, mais uma vez, nosso olhar para contemplar essa cena do recém-nascido Jesus, sua mãe Maria e seu pai-tutor José, prestando atenção aos detalhes, percebendo que, esse lugar desprovido de quase tudo, sem calor, sem luxo, sem o conforto necessário para uma jovem mãe e para um recém-nascido, quer nos ensinar que muitas coisas são supérfluas e poucas, ou melhor, apenas uma, é necessária: o amor.

É o amor o que protege a família das tempestades da vida, dos ventos do mal do mundo. É o amor que dá força aos pais para que possam trazer o alimento para o crescimento dos filhos. É o amor que os veste de dignidade e os educa como filhos livres. É o amor que lhes dá a vida, a vida física, a vida psicológica, a vida espiritual, sustenta suas emoções e conecta com o amor que vem de Deus.

Que a Sagrada Família nos inspire neste Natal, de forma diferente, abrindo nossos corações ao amor de Deus, para que, assim, repletos desse amor, ousamos viver pelo amor, no amor, para o amor, educando nossos filhos para esse fim, porque...

O amor é “sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha! (1Cor 13, 4-8).■



A SIMBOLOGIA DO PRESÉPIO

O presépio é uma referência cristã que remete ao nascimento de Jesus, em Belém. Conta a Bíblia que, depois de muito tempo à procura de um lugar para se abrigar, José e Maria, que viajavam por motivo de recenseamento de toda a Galileia, tiveram que pernoitar em Belém. Assim, Jesus nasceu em uma manjedoura destinada a animais e foi reconhecido, no momento do nascimento, por pastores da região que foram avisados por um anjo. Alguns dias depois, o Menino Jesus recebeu a visita dos reis magos, que vieram do Oriente guiados por uma estrela.

UMA TRADIÇÃO DE NATAL

O primeiro presépio do mundo teria sido montado em argila por São Francisco de Assis, em 1223. Nesse ano, em vez de festejar a noite de Natal na Igreja, como era seu hábito, o Santo fê-lo na floresta de Greccio, para onde mandou transportar uma manjedoura, um boi e um burro. Ele queria explicar melhor o Natal às pessoas comuns, camponeses que não conseguiam entender a história do nascimento de Jesus.

Durante a Idade Média, a tradição espalhou-se pelas principais catedrais, igrejas e mosteiros da Europa. Já no Renascimento, passou a ser montado também nas casas de reis e nobres. Em 1567, a Duquesa de Amalfi mandou montar um presépio, que tinha 116 figuras, para representar o nascimento de Jesus, a adoração dos Reis Magos e dos pastores ao Menino Jesus e o cantar dos anjos. No Século XVIII, o costume de montar o presépio nas casas comuns se disseminou pela Europa e, depois, pelo mundo.



AS FIGURAS DO PRESÉPIO

MENINO JESUS: é o filho de Deus. Foi o escolhido para ser o salvador dos homens.

VIRGEM MARIA: é a mãe do filho de Deus. Do seu ventre, nasceu Jesus Cristo.

SÃO JOSÉ: é o pai adotivo do Menino Jesus. Judeu, era carpinteiro de profissão.

GRUTA OU CURRAL: é o local simbolizado pelo presépio. No curral, guardava-se o gado. Por isso, na representação do seu nascimento, o Menino Jesus fica sobre palhas, em uma manjedoura.

MANJEDOURA: é um lugar de aconchego, onde Jesus ficou quando nasceu, como se fosse seu berço.

ANIMAIS: eles representam a simplicidade do local onde Jesus nasceu.

ANJOS: anunciam aos pastores a chegada do filho de Deus, o Salvador.

PASTORES: são homens do campo, que simbolizam a simplicidade do povo, já que Deus acolhe a todos sem se importar com sua condição social. Representam ainda o povo hebreu.

Fonte: Cf. Devellard, J.R. *Símbolos do Natal*. In, Revista Magis – Cadernos de Fé e Cultura, vol. 39, Dezembro de 2001, p. 6-25.



ESTRELA DE BELÉM: é aquela colocada no alto da árvore de Natal. Foi ela que guiou os três Reis Magos quando Jesus Cristo nasceu.

TRÊS REIS MAGOS: considerados sábios, Gaspar, Belchior e Baltazar representam os povos pagãos. Seus nomes simbolizam raças distintas e representam a universalidade da Salvação. Conduzidos por uma estrela, eles vieram do Oriente e chegaram à cidade de Belém, local de nascimento do Menino Jesus, trazendo presentes:

- Ouro - representa a realeza.
- Mirra - simboliza a paixão.
- Incenso - oferecido a Deus, expressa a divindade de Jesus. ■



ASSISTA AOS VÍDEOS QUE
PREPARAMOS PARA VOCÊ EM
www.youtube.com/jesuitasbrasil

NATAL: O PARTO DO INFINITO QUE SE FAZ FINITO EM NOSSA HUMANIDADE

DR. MARCO AURÉLIO KNIPPEL GALLETTA

Prof. Dr. de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da USP (Universidade de São Paulo), médico obstetra, membro da Comunidade de Vida Cristã (CVX) e orientador de Exercícios Espirituais, em Itaici (Indaiatuba/SP).

“A simbologia do nascimento de Jesus, que nos traz esperança em nós mesmos”

Estamos vivenciando mais um tempo de Natal e vejo sentimentos cada vez mais contraditórios nessa experiência religiosa. Vejo cada vez mais pessoas indiferentes ao Natal e alguns até odiando a data. Na verdade, de uma festa religiosa que era, o Natal se transforma cada vez mais numa festa comercial e desprovida de significado. Momento de comprar presentes e de valorizar Papai Noel que, como o Coelho da Páscoa, nada nos diz, a não ser um significado perdido no tempo.

Não por acaso é um momento de aumento no número de suicídios. Pessoas sozinhas, deprimidas, se sentem ainda pior por não conseguirem se sentir felizes e realizadas num momento em que deveriam estar alegres e em família. O contraste é grande e cruel entre o que desejam e o que realmente têm na vida... Vivemos numa sociedade que valoriza a alegria momentânea e o discurso politicamente correto, mas que se baseia no individualismo como norma de realização humana, que redundam em frustração. Curtir o dia de hoje sem pensar no amanhã. Pensar em si mesmo sem pensar no outro, na família, no bem da sociedade... Como, afinal, ser feliz?

Posso ser louco, mas, no meio de tanta angústia e confusão quanto ao sentido do Natal, eu ainda quero acreditar na força do seu simbolismo. Entretanto o seu simbolismo não está presente nas ruas, e, sim, no aconchego dos lares. Não está no Papai Noel e nas renas, mas, sim, escondido no Presépio, entre os olhares assustados, porém felizes, de José e Maria, admirando o pequeno Jesus.

Já há alguns anos a figura de Jesus se afastou da Avenida Paulista ou de tantas outras avenidas de nossas cidades, iluminadas em razão do Natal. Uma ausência não só curiosa, mas também altamente simbólica e – diria eu – até mesmo sintomática de um mal muito maior e profundo.

Penso que esse pequeno Jesus nos diz muita coisa!

“ **UM NASCIMENTO QUE TRAZ SENTIDO AO MUNDO POR NOS AFIRMAR, SILENCIOSAMENTE, QUE NOSSA VIDA VALE, SIM, A PENA [...]”**

No meio de uma sociedade tão complexa e tão ávida por poder e dinheiro, a simplicidade de Jesus nos diz muito. Numa sociedade que espera resultados e performance, em que pessoas que não produzem nada valem, o nascimento de uma criança pura e simples como Jesus simboliza muita coisa, na contramão do senso comum.

Na verdade, o nascimento de qualquer criança sempre diz muito em sua simplicidade e força simbólica. Em todo e qualquer parto, surge um novo ser humano, único e singular, que não se repetirá mais. Alguém que é e que será ele mesmo e só ele, para sempre. Essa força nascente já testemunhei tantas e tantas vezes, em tantos partos! Poder olhar aquela pequena criaturinha, indefesa e frágil, nem bem-nascida, e dizer a ela “seja bem-vinda

ao mundo”, é sempre muito especial. E sempre esperamos muito de um recém-nascido. Olhamos um bebê e pensamos: o que ele será? Como viverá neste mundo? Certamente, será uma pessoa única em sua aventura humana, alguém especial e importante. Importante, pelo menos, a seus pais, que se importarão com ela e por quem o mundo terá outro significado.

Esse pequeno milagre acontece todos os dias e, por ele, nos mantemos vivos neste mundo. O parto de toda e qualquer criança se constitui em sinal de renovação e de esperança. Todo nascimento é parto de alguém que pode vir a ser toda e qualquer coisa. Todas as possibilidades! É isso que nos afeta, que nos emociona, que nos toca de forma especial em todo e qualquer nascimento.

Na crença cristã, o fato de Deus tomar a decisão de se encarnar e de viver como um de nós é por demais forte e contundente. Como assim?! Como pode alguém que é Todo-Poderoso resolver se envolver em nossa vida tão simples e banal? Como pode alguém que tudo fez, que é o próprio Infinito, resolver se diminuir tanto a ponto de nascer de uma pobre mulher humana, num ponto perdido no mapa, em com-



pleta pobreza, de forma tão simplória e desinteressante? Como o Infinito pode caber no campo microscópico de um embrião, dentro de um útero?

Esse é exatamente o ponto de equilíbrio de outro mistério. Como nós, sendo limitados nesta terra, neste momento da história, sabendo que o nosso corpo desaparecerá em alguns anos, podemos sonhar com o Infinito e com a eternidade? Como podemos, sendo tão pequenos e frágeis, nos ligarmos tão estreitamente com o Infinito?

O incabível quis caber em algo pequeno e sem importância. E nós, tão pequenos e desinteressantes, queremos caber no incabível.

Olhar o presépio nos faz mergulhar nesse mistério que, por ser mistério, não é para ser entendido, mas simplesmente vivenciado. Como a música, a pintura e a poesia, que sig-

nificam sempre algo maior do que realmente são. A parte de um todo, a arte como metáfora da vida, do insondável, do indizível, do incompreensível.

O nascimento de Jesus, naquela noite escura de Belém, nos diz um pouco do indizível e abarca em si um pouco do muito que pensamos sobre nossa existência, sobre o fato de que tudo pode vir a ser algo único e importante neste mundo aparentemente sem sentido. Um nascimento que traz sentido ao mundo, por nos afirmar, silenciosamente, que nossa vida vale, sim, a pena, apesar de não entendermos tudo. O divino quis ser humano e, ao ser humano, encheu de divindade a humanidade e, por que não, encheu a divindade de humanidade.

É mais fácil comprar presentes e admirar um velhinho vestido de vermelho do que se olhar no espelho, no nasci-

mento de uma criança, no meio da poeira da Palestina de mais de 2.000 anos atrás. O amor de Deus enche de sentido toda a existência humana e nos faz mais dignos e humanos. Quem sabe ser único e importante, porque querido e amado, sabe dar importância e amor a alguém. Quem se sabe digno sabe dignificar o outro. Quem se sabe vindo do Infinito sabe voltar ao Infinito. Diminuir-se para ser mais, para caber no incabível e, assim, pertencer ao Infinito.

Todo nascimento traz isso e, principalmente, o nascimento de Jesus. Pena que não queiramos mais ver o menino Jesus, mas apenas o Papai Noel.

Que possamos, neste Natal, sermos mais verdadeiramente nós, lembrando-nos da força e singularidade que tivemos em nosso próprio nascimento. Quem sabe possamos nos encontrar a nós mesmos, no nascimento de Jesus? ■



DE BELÉM A NAIM

PE. FRANKLIN ALVES PEREIRA, SJ

Doutorando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), em Roma (Itália).

Por que, quando celebramos o Natal, nasce em nós o desejo de que a vida se renove?

O Evangelho de Lucas nos oferece um belo “quadro” que pode nos ajudar a responder essa pergunta. O Jesus de Lucas nasce numa cidade chamada, na tradução para o português, casa do pão – *Bet-lehem* – e, pouco antes de terminar a sua missão, partilha o pão – *lehem* – com os seus discípulos em Emaús.

Com Jesus, Deus vem visitar o seu povo para lhe dar pão – *lehem* – ou poderíamos dizer para lhe dar um sustento. Essa visita torna a humanidade capaz de ver o belo da vida onde antes se via apenas a morte.

Então, por favor, sente-se e sirva-se você também do pão. E, enquanto você saboreia o “pão”, ou melhor, os seus sonhos, os seus desejos, façamos uma contemplação de Lc 7,11-17: a viúva de Naim e a visita de Deus.

1. A visita de Deus em Lc 7,11-17.

A trama desse episódio está dividida em três momentos, seguidos de uma conclusão. O primeiro momento, nos vv.11-12, situa o leitor no lugar do acontecimento – a porta da cidade. A ação começa quando todos os personagens entram em cena e, então, o narrador convida o leitor, com a expressão *kai. Ivdou* (e eis que), a assumir o ponto de vista de Jesus. Eles se encontram com um morto, sendo carregado, e com ele está sua mãe, viúva, e uma multidão. O leitor, que tem a memória das situações limites nas quais Jesus fez algo, vive um suspense e se pergunta: que fará Jesus?

Com o segundo momento, no v.13, o ponto de vista continua sendo de Jesus.

O narrador faz o leitor perceber que Jesus, no meio de toda aquela multidão, consegue identificar a mãe do jovem morto. Além disso, ele dá uma preciosa informação ao leitor sobre a reação interior de Jesus. O Senhor Jesus sente suas vísceras em movimento – *splagnizomai* – diante da dor daquela mulher. Apenas o narrador e o leitor sabem do mundo interior de Jesus. Os outros personagens saberão o que significa compaixão – *ter as vísceras em movimento* – apenas mais adiante, quando o próprio Jesus lhes contará duas histórias que têm o mesmo verbo *splagnizomai*: Lc 10, 25-37 (o bom samaritano) e Lc 15, 11- 32 (o pai misericordioso).

Ainda nesse segundo momento, o leitor experimenta uma curiosidade em relação à viúva: será que ela cometeu algum pecado e agora está sendo punida – visitada – pelo Senhor? Essa curiosa pergunta aparece aqui porque Lc 7,11-17 tem como pano de fundo um episódio muito parecido narrado em 1Re 17,1-24, no qual uma viúva encontra o profeta Elias, também na porta de uma cidade, e, depois que seu filho morre, ela diz ao profeta: “que há entre mim e ti, homem de Deus? Vieste à minha casa para lembrar o meu pecado e fazer meu filho morrer?”. O leitor de Lucas teria em sua cabeça a mesma ideia da viúva de 1Re 17,1-24 e se perguntava pelo pecado – pelo passado – da viúva de Naim.

No terceiro momento, nos vv.14-15, Jesus se põe em movimento. A compaixão – manifestada no v. 13 com o verbo *splagnizomai* – desinstala: faz fazer algo. A *com-paixão* é movimento... um dinamismo visceral que faz Jesus ressuscitar o jovem morto e devolvê-lo à

sua mãe. Depois, o olhar de Jesus se põe novamente sobre a mulher.

A conclusão do episódio, nos vv. 16-17, mostra o impacto da ação de Jesus sobre os personagens e, certamente, sobre o leitor: chegam à conclusão de que, com Jesus, Deus visitou o seu povo. A visita de Deus já tinha sido anunciada em Lc 1,68. Mas o leitor só descobre, agora, como essa visita acontece. Ele tem uma surpresa porque vê uma nova imagem de Deus.

2. Uma visita compassiva.

A visita de Deus, com Jesus, aconteceu na porta da cidade. Naim pode significar atraente-gracioso. A porta da cidade era o lugar onde se realizavam, também, os julgamentos: Dt 17,5; 21,19; 22,15; 25,7; Rt 4,1-2.

O leitor, situado na porta de Naim, descobre uma nova imagem de Deus: Ele é Aquele que visita o seu povo não para julgá-lo e para puni-lo, mas para dele se compadecer, dando-lhe o justo sustento – *lehem*. A *com-paixão* é o modo divino de fazer justiça!

Mas o que Lc 7,11-17 tem a ver com o Natal? Em Lc 7,11-17, encontramos o Natal às avessas! Em *Bet-lehem*, vimos Maria (a virgem) com seu filho único neo-nato. Em Naim – gracioso –, vemos uma mulher (a viúva) com seu único filho re-nato (renascido) por causa da intervenção compassiva do Senhor.

Então, podemos dizer que é sempre Natal quando o Senhor nos visita, de modo compassivo, para nos dar sustento-pão – *lehem* – ensinando-nos a ver o lado gracioso – Naim – da vida em meio a tantos sinais de morte.■

¹ “O ponto de vista abraça aspectos diferentes. Uma das formas mais simples se refere ao «ver». Em hebraico, o termo usado é *hinneh*, geralmente traduzido como ‘e eis que’ ou ‘olha’”. j.p. Fokkelman.

A expressão hebraica *hinneh*, traduzida como *kai. Ivdou* no grego e quase sempre ignorada nas nossas traduções, é um estratégico elemento textual porque, como aprendemos com a contemplação inaciana, o impacto que a história provoca em nós depende do lugar ou do ponto de vista que assumimos na contemplação.

O AMOR DE CRISTO NA SABEDORIA DAS GERAÇÕES

BRAULIO ROCHA GONÇALVES E SIMONE MAVIGNIER MADEIRA

Casados há 24 anos, Braulio e Simone participaram da edição brasileira do livro Sabedoria das Idades – Papa Francisco e amigos (Edições Loyola/2018). Além disso, eles são coordenadores de Casos Especiais da Região Sé, da Arquidiocese de São Paulo. (PUG), em Roma (Itália).

Estamos nos aproximando do Natal. Todas as festividades que, atualmente, envolvem a data nos fazem, por vezes, esquecer a intensidade deste momento para os cristãos católicos: Deus nos envia o seu filho para nos salvar e encaminhar-nos de volta ao Pai.

Existe maior presente do que esse? O amor de Deus nos revela em Jesus todas as possibilidades de misericórdia e reconciliação.

Um menino, ainda criança, revela a importância do diálogo entre a tradição – difundida entre o povo por meio dos anciãos – e o novo a ser revelado pelo jovem que ofereceria sua vida para a salvação da humanidade.

O Papa Francisco nos chama à atenção para esse importante diálogo e nos convida a refletir sobre as possibilidades de uma Nova Aliança entre crianças, jovens e idosos.

Em seu novo livro, *Sabedoria das Idades – Papa Francisco e amigos* (Edições Loyola, 2018), o Papa ressalta que o diálogo intergeracional nos abre um novo caminho em busca de um mundo mais justo, em que a esperança seja globalizada e haja mais amor e misericórdia.

Participar desse livro foi um verdadeiro presente. Pessoas idosas do mundo inteiro puderam relatar as suas experiências de vida, com as quais o Papa rezou e dialogou, apontando as sabedorias que elas geraram e o quanto elas são importantes para as novas gerações trabalharem para a verdadeira transformação no mundo.

Nós pudemos colaborar com a nossa história e como trabalhamos para que casais afastados da vida em Igreja retomassem o Evangelho e vivessem a Palavra de Deus em família.

A experiência dialogal do livro fortalece a ideia de uma troca efetiva e afetiva entre jovens e idosos. Uma estrada de caminho duplo e com a construção de pontes que conectam a esperança do jovem com a experiência do idoso.

“ O AMOR DE DEUS [...] NOS REVELA EM JESUS TODAS AS POSSIBILIDADES DE MISERICÓRDIA E RECONCILIAÇÃO ”

“Os nossos idosos precisam sonhar para que os jovens tenham visões”, afirma Dom Mauro Morelli, Bispo Emérito de Duque de Caxias, no texto que abre o Caderno Brasil da publicação. O Papa Francisco ressalta essa questão em seu prefácio: “[...] a ideia ficou clara, para mim, quando considerei as palavras do profeta Joel, que diz, em nome de Deus: ‘Derramarei o meu espírito sobre todos os mortais, vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos anciãos terão sonhos, e vossos jovens verão visões’ (Jl 3,1)”.

O diálogo entre as gerações propicia esse horizonte. Enxergar além do óbvio,

descer além do superficial, se permitir a um encontro mais respeitoso de gratidão, apreço e hospitalidade como afirma o Papa Francisco.

E esse encontro deve acontecer entre todas as gerações. Não foi por acaso que, quando publicou o seu livro *Querido Papa Francisco* (Edições Loyola, 2016), o Papa Francisco alertou que, nas perguntas das crianças, devemos entender quais são as suas preocupações com o mundo que irão herdar.

A criança, efetivamente, guarda em si o poder para modificar o mundo. Esse desejo cresce e se transforma em energia para que, quando jovem, se criadas as ferramentas necessárias de protagonismo, amparadas pelo discernimento e pela condução fraterna dos mais experientes, promovam mudanças significativas na sociedade.

Vivenciamos concretamente esse cenário na missão que levamos, há mais de 14 anos, na Pastoral Familiar de São Paulo. Convivemos com casais que são reintegrados ao seio da Igreja e passam a trazer os seus filhos e netos e, com eles, ajudam a construir uma nova vida em comunidade. As lideranças mais experientes orientam novos casais para assumirem funções de ordenações e, dessa forma, preparam as novas gerações de encontristas, criando um ciclo virtuoso de formação de novas lideranças.

Vamos celebrar o nascimento do Menino Jesus rezando e trabalhando para que o desejo do Papa Francisco se concretize: “UM MUNDO QUE VIVA UMA NOVA ALIANÇA ENTRE JOVENS E IDOSOS”. ■



FELIZ NATAL
E UM 2019 ABENÇOADO!



JESUÍTAS BRASIL

